



Oito ideias para transformar as nossas escolas (quase um manifesto)

Sexta feira, 24 de maio de 2013

1. **Qualidade dos professores.** A Finlândia conseguiu tornar o ensino secundário a mais atraente profissão entre os jovens através de uma maior exigência de entrada na profissão, mas sobretudo conferindo mais autonomia aos professores nas suas aulas e condições de trabalho do que aquilo que acontece noutros países. É importante perceber que um professor só será uma figura respeitada e admirada se for capaz de tomar decisões importantes sobre o curriculum, manuais e leituras suplementares e métodos de ensino nas suas aulas. Para os alunos, será um professor com ideias próprias, com independência e autonomia, e não um funcionário controlado por outros. O curriculum nacional finlandês não é mais do que um enquadramento, deixando aos professores a liberdade de decidir o que irão ensinar e como.

2. **Torre de controlo.** O melhor ponto onde exercer um elemento de controlo sobre o sistema educativo é provavelmente a formação de professores. A Alemanha apenas permite a admissão aos cursos universitários para professores aos alunos classificados no terço superior no fim do liceu. Singapura é o melhor exemplo de uma torre de controlo colocada na formação de professores: existe apenas uma escola superior de educação para futuros professores do ensino secundário.

3. **A escola descentralizada.** A recente reforma do ensino secundário alemão é talvez o caso paradigmático de como um processo de declínio pode ser rapidamente invertido. No centro desta reforma está o papel dos diretores de escola. Afinal o que funciona bem numa empresa também deve funcionar bem na escola: responsabilidade por resultados, incentivos e autonomia. Porque é que não são as escolas a escolher os seus professores? Mas o exemplo finlandês também é importante, porque uma escola autónoma é sobretudo uma comunidade: os diretores de escola têm de fazer parte desta comunidade, ou seja, têm de ser também professores, com horários mais reduzidos de aulas e menos alunos. Quase todo o dinheiro gasto em educação na Finlândia é gasto nas escolas e nos alunos: como as competências estão atribuídas às autarquias, não há necessidade estruturas regionais e locais entre o ministério e as escolas. O número reduzido de horas de aula em Portugal permitiria introduzir ideias

novas nesta área, tornando progressivamente os professores mais responsáveis por tarefas que agora são desenvolvidas centralmente, como o currículo e a avaliação. Uma possibilidade, acolhida na Finlândia, é permitir que sejam as autarquias a nomear os diretores de escola. Na Finlândia e também nos Estados Unidos o resultado é notável: eleições locais ou autárquicas que são sobretudo sobre a qualidade das escolas e não sobre obras públicas, com um controlo muito mais poderoso das populações sobre esta qualidade.

4. **Alunos por turma.** Os professores japoneses são os primeiros defensores de um número elevado de alunos por turma. Quais as vantagens? Primeiro, mais competição, maior esforço dos alunos para se destacarem. Segundo, maior diversidade de ideias e discussões mais interessantes. O sistema japonês assenta num ideal de discussão e esta pode ser mais rica com uma turma maior. Terceiro, um número de alunos por turma elevado permite libertar horas para preparar as aulas e ter tutorias individuais com alunos. As turmas no Japão têm entre 35 e 45 alunos.

5. **O fim das barreiras.** Este é o objetivo central daquilo a que nos Estados Unidos se chama *liberal arts*: uma educação que desenvolve nos alunos a capacidade de pensar pela própria cabeça, de aplicar o seu conhecimento a novas situações, de assumir riscos, de falar em público, de criticar e aprender com a crítica. Se há um ponto comum entre sistemas de educação tão diferentes como o japonês, finlandês ou coreano, os três com resultados extraordinários nos testes internacionais, esse ponto é o objetivo declarado de fazer os alunos pensar, mais do que fornecer respostas. São estas as qualidades necessárias ao sucesso numa economia desenvolvida e devem ser estas as qualidades promovidas na escola. As novas tecnologias de informação tornaram muito fácil a aquisição de conhecimento fora da escola. O papel da escola deve ser o de fornecer aos alunos os melhores instrumentos de aquisição e crítica da informação existente, ou seja, de qualidades intelectuais mais do que reservatórios de conhecimento. Se tivermos escolas que transmitam o medo de tentar novas ideias ou de cometer um erro, nada do que ensinam pode compensar esta falha central. Estas qualidades intelectuais são melhor desenvolvidas quando os alunos podem combinar diferentes disciplinas e desenvolver uma abordagem integrada: se não queremos ensinar especialistas, então as disciplinas não podem ser organizadas para especialistas. Na Finlândia, as escolas secundárias superiores permitem aos alunos desenhar o seu programa de estudos: não têm anos, mas um conjunto amplo de disciplinas que os alunos podem escolher e combinar de acordo com os seus interesses.

6. **Ensino vocacional.** Aqui é decisivo pensar num modelo extremamente flexível. Porque não aprender uma ocupação depois dos dezasseis anos num sistema dual como o alemão, que combina ensino teórico com estágios a aprendizagem em empresas? O que é interessante na Alemanha é que muitas vezes este programa vocacional funciona como transição para a universidade: para aqueles alunos que querem interromper os seus estudos puramente académicos durante algum tempo e receber uma remuneração, para os alunos que querem ter um seguro para o caso de não conseguirem entrar na universidade e para aqueles que querem adquirir experiência de trabalho antes da universidade.

7. **O caso da Coreia**, onde vivi, é talvez o mais difícil de compreender. Num período de duas ou três décadas, a Coreia passou de alguns dos piores indicadores do mundo em escolaridade para o primeiro lugar em vários testes internacionais. Mas não são apenas os testes: os alunos que tive em Seul, no primeiro ano da universidade, foram os melhores alunos que já tive ou alguma vez terei. Isto foi conseguido sem que existissem no país qualquer tradição de sucesso em matemática e na ciência, com investimento reduzido numa comparação internacional e, nas décadas em que este progresso foi conseguido, com um número de alunos por turma entre os 40 e os 50. Como foi possível? A minha explicação é que a Coreia soube criar uma relação muito próxima entre o sistema educativo e a economia: ambos foram criados praticamente do nada e ao mesmo tempo. Esta proximidade cria um feedback positivo. Como o sistema educativo está diretamente ligado às necessidades da economia, alunos e escolas têm uma motivação enorme para serem bem sucedidos: o seu sucesso profissional e económico depende do sucesso académico. O sucesso académico, por seu lado, torna os alunos mais capazes de responder às exigências da economia, o que aumenta ainda mais o prémio educativo, e assim sucessivamente. O feedback funciona em direção contrária em Portugal. Precisa de ser invertido, como sempre nestes casos, com um choque inicial.

8. **Uma educação cosmopolita**. Aqui temos um caso de facto extraordinário. Numa altura em que o estudo da literatura sofreu alterações radicais e já há muito que se abandonou a ideia do estudo isolado de uma literatura nacional, continuamos incapazes de transformar a aprendizagem do português e da literatura numa educação verdadeiramente cosmopolita, onde se leiam textos em tradução, transformando a literatura numa descoberta do mundo e não na investigação de um cânone exclusivamente português, pelo qual os investigadores académicos se interessam pouco mas que deve, aparentemente, ser capaz de interessar adolescentes de quinze anos.

<http://expresso.sapo.pt/o-problema-de-fundo=s25671>